

## SER HUMANO EM TODO MUNDO

### HUMAN BEING AROUND THE WORLD

Manuel João Pires<sup>1</sup>

Uma avó embala o neto nos braços como se a criança não tivesse peso, com um jeito ancestral que não vem nos livros nem nos blogues. Adolescentes espalham-se pelo chão aos ruídos, uma senhora muito velha deixa ficar o olhar nas imagens avulsas de uma televisão que não faz uso de palavras. Gente enfiada nos celulares e nos computadores como quem se esconde a abater o tempo com ar de muito ocupado. Imigrantes de um país qualquer observam, trocam conversas muito de quando em vez e sorriem contraídos. Homens fardados de mãos atrás das costas com o rosto cansado de percorrer os mesmos círculos, ecrãs com muitos dizeres em cores e línguas diferentes, meninas apumadas nos seus preparos desconfortáveis guardando montras de perfumes e bugigangas. Telas coloridas a passar muitas coisas ao mesmo tempo, gente apressada a cirandar meio atabalhoada e a fazer apressados desvios sem sair do encruzilhado labirinto. Malas de mão, malas de ombro, malas de corpo inteiro, malas sortes tapando pertences previsíveis. Crianças ensonadas e adultos mal dormidos a comprar garrafas de água e comeres empacotados, letreiros e comidas conhecidas servidas em retos tabuleiros. Relógios um pouco por todo o lado e gente a consultá-los a cada inquietante minuto. Fecho os olhos, segundos, minutos e os movimentos se suspendem. Abro-os e as rotinas seguem no exato ponto em que estavam. Apenas avançam esforçadamente alguns números do relógio. Horas pela frente. Levanto-me, mochila, casa às costas e levo-me para um sítio onde possa não estar sentado. Chego a um espaço quadrado e semifechado com livros e diferentes coisas corriqueiras. Ajusto o ouvido e alcanço o inusitado perfume da voz descalça e marejada de Cesária Évora, passo os dedos por porta-chaves e peças de colar aos frigoríficos e faço conversões de cabeça. Abro um livro quase ao acaso, foco os olhos

---

<sup>1</sup> Professor Assistente na Universidade Politécnica de Macau (China); Doutor em Português Língua Estrangeira pela Universidade Lisboa (Portugal); Áreas de investigação: Português Língua Estrangeira; Português na China; Estudos Culturais, Cidadania Intercultural. E-mail: manueljp@mpu.edu.mo

cansados e deixo-me vogar à deriva por entre um punhado de páginas avulsas escritas em inglês. Pouso o livro e sigo para outro canto, canecas, corações e animais de pelúcia. Cesária Évora continua e eu com ela até ao fim, até que o tempo, esse impassível escultor, nos decida separar. Detenho-me diante de um globo, vejo o meu país e os países do mundo, faço rodar esse objeto planeta e paro-o com o espetar do dedo indicador. O que mais se pode fazer diante de um globo se não essa brincadeira de o rodar e de o fazer parar, agora não vale porque calhou no mar, debaixo do Alasca, agora valeu, mas este sítio é meio desconhecido, não tem graça, afinal não valeu. Agora sim, o destino coincidiu-me até São Petersburgo, mas foi à sétima tentativa e não é a mesma coisa. À sétima tentativa já não é o destino a falar connosco, é só mais uma parvoíce nos minutos mortos da vida dos vivos. Chocolates, plásticos e tons luzentes. Cesária Évora durou duas voláteis músicas, com ela levou o sal da sua voz e eu sinto a ferida lancinante e profunda de que a minha existência naquele espaço apertado de corredores exíguos deixou de fazer sentido. Saio discretamente de ouvido despedaçado e abandono sem dó todos aqueles objetinhos irritantemente aprumados. Derivo por um corredor, depois outro, adentro no banheiro e encontro um urinol que fala a minha língua. Se apresenta com seu nome claramente escrito, *sabes*. Tanta gente num convulsivo vai e vem e aquele *sabes* ali à minha espera, indiferente ao passar de tudo, para que apenas eu o possa entender. E diz-me ele *sabes* e eu respondo-lhe *sei, bem sei. Sei bem de mais*, e ficamos ali frente a frente a dialogar em verbo saber. Quantas conversas se podem ter com um verbo só, quase tão só como eu. Vou-me embora e os urinóis em fila uníssona a dizerem-me *sabes, sabes, sabes* e eu a despedir-me deles com um *sei, sim senhor, estou farto de saber!* Aliás, na verdade, *fiquem sabendo que vocês não têm nada a ver com o que eu sei ou deixo de saber*. Metam-se na sua vida. Olhem que esta... Saio, percorro, rodeio, subo, espreito, desço, vagueio. Observo por momentos a parede de vidro, comprida montra de alcatrão e maquinismos com nuvens ao fundo. Torno a sentar-me e mostro que também sei jogar o jogo de me esconder atrás do computador, interessado, azafamado. Sozinhíssimo, mas a esconder o pavor humano de se estar e parecer só. Retiro uma bolacha de um decorrido pacote, desligo o computador e retomo um livro. Luzes falsas, pessoas demais no mesmo espaço, rotinas que não ficam na retina. Respiram-se as emoções dúbias dos primeiros momentos após partir e dos últimos antes de chegar. Distâncias de segurança que mais

# VALITTERA

Revista Literária dos Acadêmicos de Letras  
ISSN: 2675-164X

nos distanciam, máscaras que acentuam a sufocante sensação de passagem, máquinas que nos alienam. São dez e quinze no Aeroporto Internacional de Hong Kong e os ponteiros do relógio confirmam o que todo o mundo parece não ter tempo nem vontade de ver. O mundo todo continua a ser igual em toda parte.